



Na sequência da *Cançó de l'Orifany*, a queda moral do herói

Following the *Cançó de l'Orifany*, the moral fall of the hero

ARMANDO ALEXANDRE DOS SANTOS
aasantos@uol.com.br

Universidade do Sul de Santa Catarina - Brasil

Resumo: Análise textual, contextual e psicológica de um episódio colateral, mas de grande importância da novela de cavalaria *Curial e Guelfa* (século XV): a Canção do Elefante e a queda moral do herói.

Palavras-chave: Curial e Guelfa, literatura catalã, cavalaria, novelas de cavalaria, queda moral

Abstract: Textual, contextual and psychological analysis of a collateral but important episode of the novel of chivalry *Curial and Guelfa* (15th. century): the «Song of the Elephant» and the hero's moral decadence.

Keywords: Curial and Guelfa, Catalan literature, chivalry, novels of chivalry, moral decadence

DATA PRESENTACIÓ: 01/04/2019 ACCEPTACIÓ: 04/05/2019 · PUBLICACIÓ: 23/06/2019

A novela de cavalaria *Curial e Guelfa*, até pouco tempo considerada de autor anônimo e hoje com autoria mais bem atribuída a Enyego d'Ávalos (c. 1414-1484), é extremamente rica no seu conteúdo, tanto nas linhas gerais de sua trama –que já vem sendo objeto de teses universitárias e com certeza atrairá cada vez mais a atenção dos estudiosos– como em muitos de seus episódios menores e colaterais, que se prestam a análises em extremo sugestivas.

Um desses aspectos menores é o da *Cançó de l'Orifany* –a Canção do Elefante– que Curial compôs quando prisioneiro dos mouros na Berbéria, tendo por tema seu amor, que então lhe parecia para todo o sempre perdido, por Guelfa.

Essa canção tem considerável importância na trama da novela e merece uma análise mais acurada, porque oferece a chave para a compreensão de um episódio bastante singular na trama da novela: a queda moral do herói, que num período breve de depressão e desesperança se entregou à glotoneria e aos prazeres da carne, abandonando os hábitos de estudo, leitura e pensamento –o que destoa completamente do inalterável autodomínio que manteve em todo o decurso de sua vida.

Os textos do original catalão da novela, citados no presente artigo, serão sempre extraídos da acurada edição filológica publicada pelo Prof. Antoni Ferrando (2007). As referências de páginas corresponderão sempre aos fólhos do códice manuscrito de *Curial e Guelfa*, existente na Biblioteca Nacional de Madrid (registro Ms. 9750). Os textos da novela citados em português serão sempre extraídos da tradução do Prof. Ricardo da Costa revista por Armando Alexandre dos Santos (2011).

Para bem contextualizarmos o episódio a ser analisado, devemos considerar Curial em Túnis, com cerca de 28 anos de idade, libertado afinal, depois de seis anos de cruel cativo dos mouros, e prestes a retornar à Europa juntamente com Galceran, seu fiel amigo e companheiro durante o prolongado período de provação. Vai amadurecido, mas ainda na força da idade; e vai muito rico, possuidor da imensa fortuna que lhe legara, quase *in articulo mortis*, a infeliz Camar, a moura que se lhe afeiçoara e que por amor a ele tirara a própria vida. Depois da extraordinária reviravolta que sua existência dera, Curial vai agora tentar recuperar o amor de Guelfa.

Apesar das insistências de Dom Ramon Folch de Cardona, embaixador do rei de Aragão junto ao rei de Túnis, que queria a todo custo oferecer a Curial roupas e dinheiro para retornar à Europa com honras e dignidade, Curial declarou preferir voltar incógnito e à maneira de cativo. Galceran quis que sua sorte permanecesse unida à de Curial, e igualmente recusou os insistentes apelos do embaixador, de quem era sobrinho, para que retornasse a Aragão, onde ainda vivia sua idosa mãe.

Assim, incógnitos e irreconhecíveis pelas roupas surradas, pelas longas barbas e pelo aspecto adquirido nos anos de cativo, chegaram os dois a Gênova. Na casa de um mercador catalão que ali residia, «homem de grande sabedoria, industrioso, fiel e de muita virtude»,¹ ficou guardado em segurança o enorme tesouro de Curial. E para Montferrat partiram os dois irreconhecíveis ex-escravos.

1 [home molt savi, industriós, feel e de molta virtut] (f.196v)

Ali se alojaram num *hospital*, instituição beneficente que acolhia mendigos e forasteiros pobres, e iam todos os dias comer as sobras que, por caridade, eram dadas à porta do palácio do marquês. Enquanto esperavam o repasto, cantavam, e sua voz melodiosa e agradável chamou a atenção das pessoas. Quando ouviu falar de dois peregrinos chegados da Berbéria que cantavam muito bem, o marquês quis ouvi-los e, sem reconhecer Curial, também apreciou a apresentação que tinham feito. Mandou perguntar a Guelfa, que estava adoentada, se desejava ouvi-los. Ante a resposta afirmativa da irmã, foram os dois cantar diante dela. Tampouco Guelfa reconheceu Curial, que lhe cantou uma canção que havia composto no cativeiro pensando precisamente nela. Chamava-se *Canção do Elefante* e assim principiava:

Assim como o elefante,
que quando cai não pode se levantar
até que os outros, com seus gritos,
com suas vozes o façam alçar,
eu desejo seguir esse costume,
pois meus ferros são tão graves e me pesam tanto
que, se nem na corte de Puy com seus ricos ornamentos
nem o elevado apreço de seus leais amantes
me erguerem, jamais me recuperarei.
Por mim eles deveriam clamar mercê
lá onde nem meus rogos, nem minhas súplicas valem alguma coisa.

O tema da canção, como indica o título, é o desânimo e abatimento moral de um alegórico elefante aprisionado, representativo do trovador que se sente condenado e rejeitado por sua amada, junto à qual de nada valiam rogos nem súplicas que fizesse, mas que somente poderia ser perdoado se por ele rogasse a corte de Puy –ou seja, a corte do Monte de Nossa Senhora, situada em Puy-en-Velay– juntamente com todos os leais amantes ali presentes. Canções de trovadores queixosos com recusas ou negaças de uma dama eram comuns na farta literatura do tempo, mas a alusão à específica *conditio sine qua non* para a outorga do perdão por parte da amada era singularíssima. Outras pessoas não a compreenderiam, mas para Guelfa a alusão era muito clara: somente ao seu romance com Curial se referia aquela canção, somente Curial poderia ter sido autor daqueles versos tão ajustados ao juramento insensato que ela fizera. A canção, porém, prosseguia:

E se nem por seus leais amantes
posso à alegria retornar,
para sempre abandono o meu cantar,
pois de mim nada mais pode restar.
Assim, antes viverei como recluso,
só, sem consolo: tal é meu desejo.
Pois minha vida é sofrimento e angústia,
o gozo é um duelo, e o prazer uma dor.
Pois eu não sou como o urso,

que quando apanha forte, de modo vil e sem misericórdia,
engorda, melhora e prospera.

A mensagem não era de revolta, mas de resignação: tinha sido composta durante o cativeiro, numa época em que o amor de Guelfa parecia para sempre perdido e a Curial nada mais restava senão aceitar essa triste realidade. O cantor, por outro lado, sabia que tinha errado e precisava de um perdão, mas não omitiu algumas referências que deixavam entrever que não fora tratado nem com razão, nem com justiça, o que fica claro no trecho seguinte:

Bem sei que o Amor é tão generoso
que rapidamente pode me perdoar
se falhei em muito amar.
Se me produzi como Dédalo
quando disse ser Jesus,
e quis voar até o céu, arrogante,
Deus rebaixou meu orgulho e minha soberba.
Mas meu orgulho não era senão amor,
e, por isso, a mercê me deve bem socorrer,
pois há vezes onde está a razão e vence a mercê,
e vezes onde nem o Direito nem a razão de nada valem.

É, pois, à mercê, à graça, ao indulto que recorre, já que nem razão nem direito podiam lhe ser de valia:

A todo o mundo sou clamante
de mim e de muito falar.
Mas se eu pudesse imitar
a Fênix, que só há uma,
que arde e depois ressuscita,
eu arderia, já que sou tão desgraçado,
por meus falsos dizeres mentirosos e enganadores.
Mas ressuscitaria, em suspiros e em prantos,
lá onde estão a beleza, a juventude e o valor
que não falham, mas com um pouco de piedade
estariam reunidos todos esses bens.

A esperança está presente na figura mitológica e de grande expressividade da fênix, que depois de morta e consumida pelo fogo renasce das cinzas e poderia reapresentar-se junto à amada, «onde estão a beleza, a juventude e o valor que não falham»; se a esses predicados se acrescentasse «um pouco de piedade», nada mais faltaria e a felicidade seria completa. A alusão a «meus falsos dizeres mentirosos e enganadores» tinha duplo sentido: podia significar que tais dizeres lhe foram falsamente atribuídos, como também podia parecer, aos olhos de Guelfa, uma confissão de culpa por parte do cantor, um reconhecimento de realmente procedera com falsidade.

Minha canção falará por mim
lá onde não me atrevo a ir
nem com o Direito os olhos vislumbrar
tão conquistado e vencido estou.
Que ninguém me escuse,
apenas a Dama, de quem fugi há dois anos.

O objetivo da canção é nesses versos exposto com clareza. Ela visa transmitir a mensagem que seu autor não se atreve a apresentar pessoalmente. Essa ideia é mais uma vez expressa, em termos pungentes, no remate da canção:

Retorno agora a vós, doloroso e choroso.
Assim como o cervo, que, quando faz sua corrida,
retorna para morrer ao grito dos caçadores,
assim retorno eu, senhora, à vossa mercê,
embora pouco vos importe, já que do amor não vos recordais.

Tal senhor tenho aqui, tão bom,
que quando me recordo dele, não posso falhar em nada.

No códice manuscrito de *Curial e Guelfa*, existente na Biblioteca Nacional de Madrid, a canção não aparece por inteiro, mas dela figuram apenas o título «canção de l'orifany» e o primeiro verso «Atressí com l'aurifany», seguidos de um espaço que vai de mais ou menos a metade de f.189v até o início de f.191 (ou seja, duas páginas e meia) sem nenhum texto escrito. Já Antoni Rubió y Lluch, na primeira edição impressa da novela, no primeiro ano do século XX, indicou que essa *canção de l'orifany* não podia ser senão a bem conhecida canção de mesmo título e iniciada com o mesmo verso composta no século XII por Ricart de Barbessieu (Rigaut de Berbezilh), um trovador que viveu em Saintonge, no sudoeste da França. Com Antoni Rubió y Lluch concordariam, consensualmente, todos os estudiosos de *Curial e Guelfa*. De fato a canção provençal de Barbessieu se ajusta perfeitamente ao contexto e ao enredo de *Curial e Guelfa* –ou melhor, foi o autor da novela que quis ajustar seu texto de modo tal que nele pudesse ser encaixada perfeitamente a referida canção.

Antoni Rubió y Lluch registrou, em nota aposta a essa passagem da novela, que sobre o argumento da canção de Barbessieu foi escrita a noveleta LXI das *Cem Novelas Antigas*, coleção comumente designada como *Il Novellino*; que toda a trama amorosa e sentimental de *Curial e Guelfa* se assenta precisamente nessa mesma tradição literária provençal; e transcreveu literalmente uma versão dessa tradição:

Na corte de Puy-Notre Dame, um gentil-homem de grande mérito teve a infelicidade de desagradar a sua dama por ter cometido uma perdoável indiscrição. Cavaleiros pediram a ela que perdoasse o infeliz, mas ela respondeu: Não o perdoarei a menos que cem barões, cem cavaleiros, cem damas e cem donzelas simultaneamente me roguem mercê, sem saberem a

quem seu pedido é destinado. Ora, deveria ocorrer logo uma festa que costumava atrair um grande número de pessoas; o gentil-homem se encheu de alegria, porque sua dama lá se encontraria e haveria gente suficiente para rogar mercê. Compôs, então, uma canção e no dia da festa subiu a um local elevado e cantou-a diante de um público imenso; era a canção *Assim como o elefante* (*Choix des poesies originales des Troubadours*, par M. Raynouard. T. V. p. III e IV de l'Advertissement et 433 du texte).

Essa canção, inserida no contexto da novela, constituía uma pequena obra-prima de diplomacia, por parte de Curial. Somente Guelfa, e mais ninguém, poderia entender todo o seu significado. E somente Curial, e mais ninguém, poderia tê-la composto. Ela continha uma defesa completa contra as acusações de que fora alvo, mas formulada de modo extremamente diplomático, para não ferir o amor próprio de Guelfa e lhe permitir que voltasse atrás de sua atitude injusta sem precisar reconhecer que havia errado; pelo contrário, pareceria que era ela que estava a conceder generosamente seu perdão. A Canção do Elefante era, na verdade, um supremo e derradeiro apelo ao amor e ao senso de justiça de Guelfa – e só inteligível por ela.

Essa foi a canção que Curial e Galceran cantaram diante de Guelfa, que ao ouvi-la, ficou muito impressionada e ordenou, aos dois jograis, que novamente a cantassem. Se não estivesse muito certa da morte de Curial, e se este não estivesse tão mudado na sua aparência, ela por certo o teria reconhecido, mas tal não ocorreu. A impressão que aquele cantar lhe produziu foi, entretanto, muito viva, já que

(...) sempre se lembrava de Curial, e do que dissera a ele quando o exilou – que se a corte do Monte de Nossa Senhora e seus leais amantes não lhe rogassem, ela nunca o perdoaria – e logo começou a chorar. Assim, ordenou a Melchior que levasse aqueles cativos para a sua casa, lhes desse de comer, os vestisse bem e lhes desse esmola, para que Deus tivesse piedade da alma daquele que em cativoiro fora morto.²

Os dois foram, com efeito, levados à casa de Melchior, que tampouco reconheceu Curial. Mas Curial não aceitou as roupas que Melchior quis lhes oferecer, pois, segundo declarou, somente depois de terem ido ao Monte de Santa Maria poderiam retornar e aceitar aquelas dádivas. Interrogados por Melchior se sabiam algo a respeito de Curial, responderam negativamente. Isso tudo foi relatado a Guelfa, que, surpresa pelo procedimento inesperado dos dois misteriosos peregrinos, mandou outra vez chamá-los, para que novamente lhe cantassem aquela singularíssima canção que lhe fazia recordar de modo tão vivo o supostamente falecido Curial.

2 [tots temps se recordà de Curial, e de ço que li havia dit com l'exellà: que, si la cort del Puig e los leals amadors no la pregassen, nulls temps li perdonaria; e tantost començà a plorar. E manà a Melchior que se'n menàs a casa sua aquells catius e 'ls donàs a menjar, e 'ls vestís bé, e 'ls donàs almoyna, per ço que Déus hagués pietat de la ànima d'aquell qui en catiu ere mort.] (f.197)

Interrogou, então, diretamente Curial e lhe perguntou quem era e de onde provinha. Curial respondeu, em francês, que se chamava João e era normando. «Ele conversava todo o tempo em francês; sua barba lhe vinha quase à cintura, um disfarce terrível; tudo isso impedia que Guelfa pensasse que esse poderia ser Curial.»³ Guelfa ainda outra vez quis ouvir a canção, mas pediu que «João» a recitasse simplesmente, em vez de entoá-la musicalmente. Curial obedeceu. Guelfa ainda perguntou quem havia composto aquela canção, e Curial lhe respondeu que a havia aprendido com alguns mercadores de Túnis. Deu-se, então, o seguinte breve diálogo, no qual todos os véus se abriram e toda a verdade veio a nu:

Guelfa: – Ai, como sou infeliz, porque eu conheci bem aquele que a compôs.

Cativo: – Se vós o tivésseis bem conhecido, não o teríeis exilado.

Guelfa: – E como sabes tu que eu o exilei?

Cativo: – Devo sabê-lo, pois estou cativo há sete anos por causa de uma felonía vossa. [e a partir daí, deixou de falar em francês e passou a falar em lombardo. Somente nesse momento, examinando melhor o rosto do interlocutor, Guelfa o reconheceu]

Guelfa: – Traidor! Quem te trouxe à minha casa?

Cativo: – Vós, senhora, que mandastes me chamar para que aqui viesse.

Guelfa: – Vai, vai para a casa de vosso anfitrião, e não venhas mais aqui.⁴

Curial saiu «um pouco alegre»⁵ e aparentemente esperançoso da presença de Guelfa, a ponto de acreditar tê-la recuperado. Os acontecimentos subsequentes logo lhe mostrariam que estava enganado. A decepção profunda que esse desengano produziu em Curial teria como efeito a derrocada moral em que ele se precipitaria pouco depois. Guelfa mandou chamar Melchior e, procurando afetar uma indignação que não era real, com a ousadia de Curial ter-se apresentado diante dela, revelou-lhe a identidade do misterioso cantador.

Imensa foi a alegria de Melchior, como também a da abadessa amiga e confidente de Guelfa, quando a ela chegou a notícia do reaparecimento daquele que julgavam morto. Imediatamente saiu do mosteiro e foi em demanda da casa de Melchior, para rever Curial. Quanto a Guelfa, ficou transtornada com todos aqueles acontecimentos que de modo algum podia prever, mas, sempre orgulhosa e autoritária, não quis dar o braço a torcer. Quando a abadessa, insistentemente, lhe rogou que chamasse Curial e ouvisse suas explicações, como ela ouvira, respondeu:

3 [parlava francés contínuament; e la barba, que li donava quaix a la cinta, e lo desfrecament terrible, totes aquestes coses trahien de memòria a la Güelfa aquest poder ésser Curial] (f.197v)

4 [-Ay, trista yo – dix ella –, que yo coneguí bé aquell qui la féu. Lo catiu respòs: –Si vós l'aguéssets ben conegut, no l'haguérats exellat. – ¿E com sabs tu que yo l'exellàs? – dix la Güelfa. Respòs: – Saber ho deig, que só estat en catiu set anys, per una vostra fellonia. E començà a parlar lengua lombarda. Ladonchs ella 'l mirà, e en los lineaments de la cara conegué'l, e dix-li: – Traydor! ¿Qui t'aporta a la mia casa? Respòs ell: – Vós, senyora, que m'enviàs a manar que vengués. – Anats, anats – dix ella – a casa de vostre oste, e no 'm vengats pus ací.] (f.197v)

5 [un poch alegre] (f.197v)

– Amiga minha, eu estou muito contente em saber que ele está vivo, e o mau tempo que passei me desgosta. Estou certa de que, se eu o ouvisse, certo ou errado, ele saberia encobrir muito bem os seus erros. Por isso, não agrada a Deus que eu o escute, nem o veja mais. Tudo o que aconteceu me dói muito, embora minha consciência esteja ilesa, pois tudo aconteceu acidentalmente. Mas eu observarei o meu voto e não romperei a fé em Deus, pois a prometi. Por isso, rogo-vos que me informeis de tudo o que até agora lhe aconteceu, de modo que eu saiba tudo por vós e por Melchior. E logo lhe disse que parta daqui, de modo que não se saiba do seu regresso, e que vá em nome de Deus aonde lhe aprouver, e que perca a esperança que tem em mim, pois eu juro novamente por Deus e pela Virgem Maria que, enquanto viver, não mudarei do propósito que lhe disse quando dele me despedi.⁶

Diante da inflexibilidade de Guelfa, a abadessa ainda tentou adocicar um pouco o extremo amargor daquela confirmação de sua injusta sentença. Deu-se o seguinte diálogo, que mostra o estado de espírito de ambas as interlocutoras e, sobretudo, mostra como Guelfa, mesmo depois de saber como Curial rejeitado lhe fora fiel diante do assédio de Camar, se obstinava na sua posição de orgulho:

Abadessa: – Para onde o enviareis? Aonde ordenareis que vá? Determinai algum lugar onde vos agrada que ele habite.

Guelfa: – Que vá aonde quiser. O mundo é grande e amplo, e bem caberá nele, assim como até agora coube.

Abadessa: – Sim, mas antes vós ordenáveis para onde devia ir, e ele assim o fazia.

Guelfa: – Mandava-o enquanto eu o tinha por meu; agora não o faria, pois não tenho razão de fazê-lo.

Abadessa: – Digo-vos, senhora, que ele é vosso, e o será enquanto viver. Bem o prova a desventurada Camar que, por ele, menosprezando um rei, perdeu a vida.

Guelfa: – Desperdiçou muito mal a sua morte, já que se matou por um homem cruel e ingrato; se o tivesse conhecido tão bem quanto eu, melhor teria preservado sua vida.

Abadessa: – Certamente ela morreu pelo homem mais leal do mundo e, embora ele tenha sido a causa de sua morte, foi inocente, porque não podia agradar a ela e guardar a fé que a vós prometera.

Guelfa: – Então a matei eu?

Abadessa: – Não a matastes vós, tampouco teria morrido se vós não existísseis.

Guelfa: – Ai de mim! Era só o que me faltava: darem-me o fardo da alma daquela moura louca! Que fosse agradável a Deus ela estar viva e Curial bem com ela!

Abadessa: – Curial não pode ter nenhum bem sem vós.

⁶ [– Amiga mia, yo són molt alegre en saber que és viu, e m desplau lo mal temps que ha passat. E són ben certa que, si yo l'escoltava, a tort o a dret sabria ell molt ben cobrir totes les sues errades; mas no plàcia a Déu que yo l'escolt ne l veja pus. De ço que s'és fet, me pesa molt, jats que ma consciència no sie lesa, car a cas és vengut. Mas yo servaré lo meu vot, e no rompré la fe a Déu, puy la y he promesa; ans, vos prech vos informets d'ell pus amplament de tot ço que fins ací li és esdevengut, en manera que yo ho sàpia tot per vós e per Melchior. E tantost li digats que partesca d'ací, en manera que no sie sentida la sua tornada, e vage en nom de Déu allà on li plàcia, e perda la sperança que ha en mí, car yo /f.198v/ torn a votar a Déu e a la verge Maria que, tant com yo sie viva, no mudaré del propòsit que li diguí com li doní comiat.] (f.198-f.198v)

Guelfa: – Comigo não o terá, conforme já disse.

Abadessa: – Já que quereis que se vá, tendes suficiente piedade para não mandá-lo pedir esmola pelas portas. Dai-lhe o suficiente para sair daqui e para que possa se colocar em um estado razoável, até que agrade a Deus que sua má sorte tenha fim. Pela minha fé, não creio que tenha nascido no mundo um homem mais malfadado que esse.

Guelfa [suspirando]– Não tive eu com ele pior sorte do que ele comigo! E sobre isso não mais! Ide! E que Melchior lhe dê o de que precise para se estabelecer em um estado de vinte cavalarias, e que isso o mantenha; dê-lhe as joias e roupas que deixou empenhadas quando daqui partiu. E que vá em nome de Deus e procure o melhor para si, mas que não espere perdão de mim a não ser na forma que eu disse, que meta o silêncio em sua boca e não me escreva nem pense em mim, pois, de verdade, eu o detestei completamente, e quanto mais falais, mais pioram seus feitos.⁷

A expressão «estado de vinte cavalarias» (ou «de vinte cavalgaduras», se adotarmos uma tradução mais literal do catalão «*cavalcadures*») indica o nível que caberia a Curial dentro do estamento da nobreza, ao qual ele pertencia. O número de acompanhantes, a cavalo ou a pé, era um elemento importante na classificação social dos indivíduos. Em Portugal, na passagem do século XVI para o século XVII, os duques de Bragança – poderosos senhores com autoridade quase soberana e cujos domínios abrangiam quase a terça parte do território português – somente saíam de seu palácio ducal, em Vila Viçosa, com acompanhamento de pelo menos 30 homens a cavalo (Zúquete 1960: v. 2, 433-449; Espanca 1983-1992).

A sentença condenatória estava, pois, confirmada. Nada mais havia a fazer. De nada valera o derradeiro apelo de Curial, formulado em termos tão pungentes por meio da *Canção do Elefante*. De nada valera, tampouco, a última tentativa da abadessa de afinal trazer Guelfa de volta à amizade e ao amor para com Curial. Tão profundo fora o ressentimento que nela produzira a falsidade dos

7 [Abadessa: – On lo trametets? On li manats que vage? Assignats-li algun loch on vos plàcia que habite. Güelfa: – Vage on se vulla. Lo món és gran e ample, e bé y cabrà ara, axí com fins ací hi ha cabut. Abadessa: – Hoch. Mas vós li manàvets on anàs, e axí ho feya. Güelfa: – Manava-li yo mentre yo l tenia per meu; ara no ho faria, car no he raó de fer-ho. Abadessa: – Yo us dich, senyora, que ell és vostre, e ho serà mentre sia viu. Bé ho prova la desaventurada Càmar, que, per ell menyspreant un rey, perdé la vida. Güelfa: – Esmèrça fort mal la sua mort, puys que s matà per home cruel e desconexent; e si l’hagués conegut tan bé com yo, mils haguera guardada la sua vida. Abadessa: – Certes, ella morí per lo pus leal home del món; e, no obstant que ell fos causa de la sua mort, però fonch sens colpa, e no podia complaure a ella e guardar la fe que a vós havia promesa. Güelfa: – E, donchs, çyo la matí, segons açò? Abadessa: – No la matàs vós, ne tanpoch morira si vós no fóssets. Güelfa: – Ay de mi! A, com fallia encara que m carreguen l’ànima d’aquella mora folla! ¡Plagués a Déu fos viva, e Curial hagués bé ab ella! Abadessa: – Curial no pot haver bé sens vós. Güelfa: – Ne ab mi no l’aurà, segons vos he dit. Abadessa: – Puys que axí és que volets que se’n vage, hajats tanta pietat que no l trametats a demanar almoynes per les portes. Donats-li ab què isca d’ací e s pusca metre en algun estat rahonable, fins que a Déu plàcia la sua mala sort hage fi; que, en ma fe, no crech nasqués may en lo món home pus mal fadat que aquest. Güelfa sospirà, e dix: – ¡No hagués yo haüda ab ell pijor sort que ell ab mi! E d’açò no pus! Anats! E Melchior (e) done-li ço que hage obs per metre’s en estat de vint cavalcadures, e en aquell lo mantenga; e done-li los joyells e robes que li lexà empenyades com s’ich partí. E vagese’n en nom de Déu, e cerch son advantage; e, no sperant de mi perdó sinó en la forma davant dita, meta silenci en la sua boca e no m scriva ne s cur de mi, car, certes, yo l’he de tot en tot avorrit; e com més me’n parlats, tant més pijoren sos fets.] (f.198v-f.199).

dois invejosos que a haviam intrigado e malquistado contra Curial, e tão imenso era seu orgulho, que nada abalava sua inflexibilidade.

O texto da novela não diz qual foi a reação imediata de Curial quando a abadessa contou a ele e a Melchior a decisão final de Guelfa. Diz apenas que Melchior restituiu os bens de Curial que estavam em seu poder e que Curial, sempre acompanhado por Galceran, partiu para Marselha, com boa provisão de dinheiro e também de cartas de crédito.

«Ben provejts de diners e de letres de cambis» [f.199] –diz textualmente a novela. Nesse ponto, seu autor talvez tenha incorrido em algum anacronismo, pois o uso das cartas de crédito já era disseminado no século XV, quando escrevia, mas ainda não o era tanto no século XIII, no qual se teriam passado os fatos que narrava (Le Goff 2014: 163ss) De fato, ainda era muito embrionária, no século XIII, a utilização dos primeiros títulos escritos com promessa de pagar determinada quantia em outro local (Pirenne 1968: 108-109).

Melchior os acompanhou no primeiro dia dessa viagem, durante o qual Curial lhe revelou a existência do tesouro depositado em Gênova e acertaram o modo mais adequado de ser ele transportado para Montferrat, a fim de ficar sob a guarda do próprio Melchior. Tudo isso é dito de modo muito sintético no capítulo III.77, um capítulo curto, que nas edições impressas da novela não chega a atingir dez linhas de extensão. Ainda mais sintético e sumário é o relato da continuação da viagem:

Curial partiu para Marselha, e ali colocou suas coisas em ordem. Depois foi para Avignon, onde se arrumou ainda mais e cresceu seu estado. Andou pela França até que conseguiu obter vinte cavalarias; foi também ao Monte de Santa Maria, e fez novena na igreja. Esteve ali por algum tempo, dando-se prazer tanto quanto podia.⁸

Essa última frase –«dando-se prazer tanto quanto podia»– liga-se diretamente ao parágrafo seguinte, no qual é referida uma fase de profundo abatimento, e até mesmo de degradingolada moral do herói. Transcreva-se integralmente esse parágrafo, que do ponto de vista psicológico é de grande importância:

Por outro lado, Melchior, depois de ter recuperado o tesouro de Curial, percebeu e julgou que Curial era um dos ricos senhores do mundo sem vassalos e sem terra, o que o deixou muito contente. Igualmente, Curial, pensando em sua riqueza e, de outro lado, que acreditara ter recuperado Guelfa, entregou-se a uma vida relaxada e lasciva, como se fosse um arcebispo ou um grande prelado, esquecendo-se de que era um cavaleiro e um homem de ciência. Assim, se esqueceu completamente da disciplina militar e da vigília ao estudo e, em banquetes, convites e festas, vestidos e outras vaidades, bem como nos atos de Vênus, despndia completamente o

8 [Curial se'n va a Massella, e allí adobà's algun poch; e despuys anà a Avinyó, e adobà's millor e cresqué son estat; e anà per França fins que hach vint calcadures. E anà a Santa Maria del Puig, e tench novena en la sgleya; e estech allí algun temps, donant-se plaer tant com podia] (f.199v)

seu tempo. A partir de então este era o seu estudo, o seu esporte, e também todo o seu bem. Enfim, pensava apenas nesses fastidiosos prazeres.⁹

Afastamo-nos ligeiramente, na tradução de uma das frases acima, do Prof. Ricardo da Costa, que traduziu «Curial, pensant en la sua riqueza, e, d'altra part, que cuydà haver cobrada la Güelfa» como «Curial, pensando em sua riqueza e, por outro lado, acreditando ter recuperado Guelfa». O mesmo entendimento foi o da Profa. Julia Butiñá, que na sua tradução da novela para o castelhano escreveu «Curial, pensando en su riqueza, y, por otro lado, creyendo haber recuperado a Güelfa». Em que pese a autoridade dos dois ilustres tradutores, a nosso ver a redação de ambos não condiz com o contexto da novela, e até mesmo o contradiz. Se Curial havia acabado de receber de Guelfa a mais taxativa, contundente e definitiva das recusas, como poderia acreditar tê-la recuperado? E se a tinha recuperado, por que se entregar a uma vida relaxada e lasciva, que somente poderia afastá-lo ainda mais de Guelfa? Note-se que os dois tradutores optaram pela iteração gerundial dos verbos *pensar* e *crer/acreditar*, enquanto no original catalão há uma nítida diferença modal entre o gerúndio de *pensant* e o indicativo pretérito perfeito de *cuydà*. Por outro lado, a conjunção *que*, aposta imediatamente antes do verbo *cuydà*, deve por força ligar-se ao verbo antecedente *pensant*. Por tudo isso, quer nos parecer mais adequada a tradução que, *venia concessa* propomos: «Curial, pensando na sua riqueza e, de outro lado, que acreditara ter recuperado Guelfa». A sequência do texto se encaixa perfeitamente: Curial se entregou à vida relaxada e lasciva porque dispunha de uma imensa riqueza e porque se dava conta de que se iludira ao julgar recuperado o amor de Guelfa.

A queda moral do herói, referida nesse parágrafo, é bastante surpreendente e destoa de todo o resto da novela; ao longo de sua trajetória, Curial sempre foi disciplinado e autocontrolado, sempre se mostrou senhor de suas paixões; apenas vez por outra se deixou levar pela cólera, mas episodicamente, em casos muito pontuais. Mesmo depois de expulso de Montferrat pela primeira vez, mesmo na fase mística em que estivera no Mosteiro de Santa Catarina, sob a influência dos conselhos do Javali, mesmo nos duros e longos anos de cativo, ele sempre se mantivera íntegro, do ponto de vista moral, e sobretudo nunca abandonara a autodisciplina e a vida de pensamento. De repente, entretanto, ele modifica radicalmente seu modo de ser e cai na devassidão, rejeitando tudo o que fazia dele um cavaleiro e um homem de cultura. Como explicar essa transformação tão inesperada?

9 [D'altra part, Melchior, puys que hach cobrat lo thesor de Curial, viu e féu juhí que Curial ere un dels richs senyors del món sens vassalls e sens terra, de què fonch alegre molt. Semblantment Curial, pensant en la sua riqueza, e, daltra part, que cuydà haver cobrada la Güelfa, se donà a viure mollament e laciva, com si fos arquebisbe o gran prelat, no recordant-se ésser cavaller ne home de sciència; ans axí la disciplina militar, com la vigília del estudi, més totalment en oblit; e en menjars, convits e festes, vestirs e altres vanitats, e n los actes de Venus despenia totalment lo temps. Aquest era lo seu estudi, lo seu deport, e encara tot lo seu bé; e, finalment, sinó en aquests fastijosos plaers no pensava.] (f.199v)

A única explicação que parece razoável é que a última recusa de Guelfa lhe causara um abalo emocional profundo. Ele depositara todas as suas esperanças na derradeira tentativa de, por meio da *Canção do Elefante*, quebrar as resistências da sua linda, mas cruel e inflexível amada. Quando ela o reconheceu e o despediu, ele saíra com alegria, porque julgava ter conseguido recuperar o amor de Guelfa. A recusa obstinada dela, entretanto, foi algo que deixou Curial, a bem dizer, completamente desarvorado e sem rumo. Ao que parece, só pouco a pouco, durante a viagem, ele refletiu e, então, avaliou quão desconcertante era sua situação. A lembrança de Guelfa – inatingível, mas ainda entrevista à maneira de vaga e remota esperança – o sustentara na sua indigência na Berbéria; por fidelidade a essa Guelfa inatingível resistira durante anos ao assédio de Camar; mas agora, quando se via rico como jamais antes tinha sido e não devia a Guelfa, mas a Camar, essa imensa riqueza, era precisamente a mesma Guelfa que rejeitava seu supremo apelo...

Somente como efeito dessa extrema desilusão amorosa pode-se entender o desespero de Curial, que o levou à devassidão e a uma glotoneria que, de acordo com a expressão pitoresca e não isenta de anticlericalismo do autor da novela, o tornava «como se fosse um arcebispo ou um grande prelado, esquecendo-se de que era um cavaleiro e um homem de ciência».

Falar em anticlericalismo na Idade Média europeia não é anacronismo. Nos *fabliaux* e nas farsas medievais eram comuns as críticas e satirizações de figuras eclesiásticas (Ménard 1983: 121-128; Frappier & Gossart 1935). O poeta francês Rutebeuf (c. 1230-1285), apesar de amigo e até protegido do rei São Luis IX, manifestou em muitas de suas obras satíricas um acentuado anticlericalismo, ridicularizando prelados, sacerdotes e especialmente religiosos franciscanos e dominicanos (Rutebeuf 1839). Contrariamente ao que de ordinário se supõe, havia no Medievo uma grande margem de liberdade para criticar o clero em geral, em todos os seus níveis, desde papas que, com suas tiaras e trajes pontifícios apareciam com frequência em representações artísticas do Inferno, até simples monges (Alexandre dos Santos 2011). Em farsas medievais, não somente membros do clero, mas até santos e personalidades sagradas eram por vezes objeto de abordagens grosseiras e até obscenas, como registram Jubinal (1839) e Castelnau (1949: 268-287).

Essa triste fase da vida de Curial, em que ele se assemelhava a «um glutão e devorador e, definitivamente, desprovido de qualquer virtude e aplicado tanto à desonestidade quanto à repugnância dos vícios da carne»,¹⁰ foi de breve duração. Rapidamente se enfastiou com aquela conduta tão contrária aos hábitos bem assentados e a eles retornou, depois de um sonho em que Baco, o deus helênico das ciências, lhe apareceu cercado das sete Artes e de outras figuras mitológicas antropomorficamente representadas, de sábios e até mesmo de Hércules (apresentado, de acordo com a idealização humanista do Renascimento, como aquele que «enquanto viveu foi o mais forte e o mais sábio do mundo»¹¹) e severamente lhe increpou a má conduta:

10 [gulós e devorador, e, finalment, freturós de tota virtut, e aplicat tant a la desonestat e fastig dels vicis de la carn] (f.199v)

11 [mentre visqué fonch lo pus fort e pus savi del món] (f.200v)

– Curial, graças a mim tu recebeste muitas honras e muitos progressos no mundo, e por mim soubeste o que é a razão e o juízo; eu te fui muito favorável em teu estudo e, ao perceber a tua disposição, quis habitar em ti e fiz com que estas sete deusas que aqui vês te acompanhassem e te graduassem cada uma em sua dignidade; enquanto tu as amaste, elas não abandonaram a tua companhia. É verdade que agora, com vitupérios, tu as expulsaste de tua casa e, colocando-as no esquecimento, mostraste-lhes tuas duras e ingratas costas, dando a tua vida a coisas lascivas e impertinentes a ti, e, vivendo viciosamente, te transformaste em um sepulcro fétido e cheio de corrupção. Tu, que no mundo, tanto pela cavalaria quanto pela ciência, resplandecias, agora és difamado justamente aqui, onde te conheceram pela primeira vez, e o serás ainda mais caso à tua primeira vida não retornes. Rogo-te, requeiro-te e admoesto-te a que retornes ao estudo e desejes honrar estas deusas que tanto te honraram e favoreceram, e abandones essa vida que conduz o homem à necessidade, ao vitupério e à desonra, enquanto a ciência; não queiras mudar a ciência, que é dom divino e eterno, pela imundície e excremento. Pois, se tu leste, Gregório te disse: «As coisas temporais se envilecem quando se consideram as eternas». Que agora, diante dessas deusas que razoavelmente reclamam de ti, elas não voltem a mim por essa causa, caso contrário, estejas certo que tu não aproveitarás tanto o tesouro de Camar, e teu desconhecimento e ingratidão te prejudicarão.¹²

Não deixa de ser singular, para não dizer risível, o longo discurso moralizador de Baco, que também era o deus do vinho e das bebedeiras! Tanto mais que cita, de modo bastante extemporâneo, a autoridade de um santo como o Papa São Gregório Magno!

Depois de séculos em que São Gregório Magno gozou de grandíssimo prestígio, no alvorecer do humanismo passou a ser objeto de críticas e até mesmo alvo de mordazes ironias, a ponto de tornar-se, nas palavras da Profa. Julia Butiñá: «... uma das bestas negras do medievalismo combatido pela nova corrente, como bem mostram as mordazes chacotas de Bernat Metge.» (Butiñá 2000: 139).

Seja como for, o efeito do sonho foi a conversão de Curial, que ao despertar refletiu muito sobre o que Baco lhe dissera, convenceu-se de que o deus tinha toda a razão e resolveu seguir o conselho dele recebido, de modo que «rapidamente, no dia seguinte mandou buscar livros de todas as

12 [Curial, tu has reebudes per mi honors e molts avançaments en lo món, e per mi has sentit què és rahó e juyhí, e yo en lo teu studi fuy a tu molt favorable, e, veent la tua disposició, volguí habitar en tu e fiu que aquestes set deesses que ací veus t'acompanyassen e t'graduassen cascuna en la sua dignitat; e, mentre tu les amist, no lexaren la tua companyia. És ver que ara, ab vituperi, les has foragitades de ta casa e, metent-les en oblit, los has mostrades les feres e ingrates espatles, donant la tua vida a coses lascives e no pertinents a tu, e, vivint viciosament, te est fet sepulcre podrit e plen de corrupció. E tu, qui en lo món, axí per cavalleria com per sciència, resplandies, ara est difamat ací on novament te conexen, e ho series molt més si a la primera vida no tornaves. Yo t'prech, requir, e amonest que tornes al studi e vullés honrar aquestes dees que t'an honrat e favorit, e lexa aquexa vida qui porta l'ome a fretura, vituperi e desonor; e la sciència, que és don divinal e eternal, no la vullés cambiar per la brutura e sutzura, terrenal e temporal. Car, si ho has legit, sant Gregori t'a dit: «*Vilescunt temporalia cum considerantur eterna*». E d'ací avant aquestes dees que s' clamen rahanablement de tu, no tornen per aquesta causa davant mi, sinó sies cert que no t'aprofitarà tant lo thesor de Càmar com te nourà la tua desconexença e ingratitut.] (f.201)

faculdades e retornou ao estudo, conforme estivera acostumado, dando como perdido o tempo que vivera sem estudo.»¹³

Essa conversão –que obviamente não foi uma conversão no sentido religioso do termo, mas no sentido humanístico que informa o pensamento (e o que muito extemporaneamente se poderia chamar ideologia) do autor de *Curial e Guelfa*– marcou o fim do ciclo de desgraças da vida do herói. A partir de agora, encerrado o longo período purgativo e probatório, ele passará a obter sucessivos progressos e sua carreira retomará o sentido ascensional da sua primeira fase. A partir de agora, os efeitos maléficos que a Inveja lhe produzira, e que tanto haviam envenenado sua existência, se dissiparão. Mais uma vez, a inconstante Fortuna decidia girar a sua roda, mas desta vez em favor de Curial.

13 [tantost lo jorn següent féu cercar llibres en totes les facultats, e tornà al estudi, segons havia acostumat, tenint per perdut aquell temps que sens estudi havia viscut.] (f.201-f.201v)

Armando Alexandre dos Santos. Na sequência da *Cançó de l'Orifany*, a queda moral do herói

Bibliografia

Fontes primárias

- Anònim (1901) *Curial y Güelfa. Novela catalana del quinzen segle* (Edição de Antoni Rubió i Lluch), Barcelona, Real Academia de Buenas Letras.
- Anònim (2007) *Curial e Güelfa (Introducció i edició filològica per Antoni Ferrando)*, Toulouse, Anacharsis.
- Anônimo (2011) *Curial e Guelfa* (Primeira tradução para o português e notas: Ricardo da Costa – Revisão: Armando Alexandre dos Santos. Estudo introdutório e edição de base: Antoni Ferrando), Santa Barbara (CA), EHumanista.
- Anonimo (2003) *Curial e Güelfa* (Tradução para o castelhano de Júlia Butinyà), disponível em: http://www.ivitra.ua.es/admin/pdfs/obres/julia_curial_0.pdf
- Rutebeuf (1839) *Oeuvres complètes de Rutebeuf, trouvère du XIIIe. siècle recueillies et mises au jour pour la première fois par Achille Jubinal*. Paris: Chez Édouard Pannier, 2 vols.

Bibliografia complementar

- Santos, A. dos (2011) *Dialética pró e contra as Cruzadas em documentos do século XIII*, Piracicaba, Equilíbrio Editora.
- Butiñá Jiménez, J. (2000) *Tras los orígenes del Humanismo: El Curial e Güelfa*, Madrid, Universidad Nacional de Educación a Distancia.
- Castelnau, J. (1949) *La vie au Moyen Âge d'après les contemporains*, Paris, Hachette.
- Espanca, J. J. R. (1983-1992) *Memórias de Vila Viçosa ou Ensaio da História desta Vila Transtagana, Corte da Sereníssima Casa e Estado de Bragança, desde os tempos mais remotos até ao presente, segundo o que pôde coligir o seu autor o Padre Joaquim José da Rocha Espanca, natural da mesma Vila e Pároco de Pardais*, Vila Viçosa, Câmara Municipal de Vila Viçosa, 35 vols.
- Frappier, J. & Gossart, A.-M. (1935) *Le Théâtre Comique au Moyen Âge*, Paris: Librairie Larousse.
- Le Goff, J. (2014) *A Idade Média e o dinheiro*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira.
- Ménard, Ph. (1983) *Les fabliaux – contes à rire du Moyen Âge*, Paris, Presses Universitaires de France.
- Pirenne, H. (1968) *História econômica e social da Idade Média*, São Paulo, Editora Mestre Jou.
- Zúquete, A. (1960) *Nobreza de Portugal e do Brasil*, Lisboa, Editorial Enciclopédia, 3 vols.